

## O CICLO PICTURAL DAS SIBILAS DE DIAMANTINA

CÉLIO MACEDO ALVES\*

Foto: Célio Macedo Alves

Em Diamantina existe<sup>1</sup> uma série de painéis pintados sobre tecido, localizados em quase todas as igrejas da cidade, que representam as misteriosas Sibilas, profetizas do mundo pagão que, de acordo com a literatura cristã, teriam vaticinado a vinda de Jesus Cristo. No entanto, sobre essas representações pairam algumas dúvidas de difícil solução até o presente. Quem teria introduzido essa série iconográfica ali na antiga Vila do Tijuco? Com que propósito? Faziam essas pinturas parte de um ritual específico? E qual seria esse ritual?

Um antigo morador da cidade, ligado à Ordem Terceira de São Francisco, relatou-nos que esses painéis sibilísticos eram colocados na boca dos retábulos durante o período da Semana Santa. Informação que se coaduna com uma citação de Aires Mata Machado, quando em seu livro *Arraial do Tijuco* refere-se a “*umas sibilas pintadas em pano para cobrir o altar no tempo da Quaresma*”, que ficavam na sacristia da Igreja das Mercês<sup>2</sup> (1).

Afirmções que condizem com a tradição das Sibilas, geralmente invocadas para revelar passagens da vida de Cristo, como seu nascimento, paixão, morte e ressurreição. Essa tradição remonta à Idade Média, onde eram representados autos relativos ao Nascimento e Paixão de Cristo. Nesses autos, denominados *mistérios*, as Sibilas, às vezes acompanhadas de algum profeta,



Forro da Capela do Bomfim com sibilas e quadro do Descendimento (ao centro). Anônima.

\* Doutor em História e Pesquisador da Arte Colonial Mineira.

1. Pelo menos existiam esses painéis até 1995, quando mantive contato com eles pela primeira vez, durante a realização do Inventário de Bens Móveis e Integrados, na cidade de Diamantina.
2. Informação depois reproduzida por Lúcia Machado de Almeida, em seu *Passeio a Diamantina* (São Paulo, Livraria Martins Editora, 1960), alterando a expressão “tempo da Quaresma” para “Semana Santa” (p. 193).

Foto: Célio Macedo Alves



*Sibilas Frigia e Tiburtina. Pintura do forro da Capela do Bonfim. Anônima.*

eram conclamadas a darem seus testemunhos. Como ocorre, por exemplo, no *Mistério de Otaviano e a Sibila Tiburtina*, baseado em uma lenda segundo a qual a profetiza concede ao imperador a visão de uma virgem com um menino ao colo. Fizeram, então, as Sibilas de Diamantina parte de alguma espécie de auto, que talvez lembre as Folias de Reis celebradas na festa de Epifania, e que também têm sua origem a partir dos dramas sacros medievais?

Não menos problemática é a fixação das fontes ico-nográficas que serviram de modelo para as representações de Diamantina.

Seriam elas portuguesas? No caso afirmativo, de onde foram retiradas, pois são praticamente desconhecidas (pelo menos eu não consegui detectar referências sobre as Sibilas na arte portuguesa, sejam pintadas, esculpidas ou mesmo gravadas).

Parece que em Portugal a tradição das Sibilas não é tão antiga quanto no resto da Europa. Pode ser fixada tardiamente no século XVI, quando Gil Vicente fez encenar, no Natal de 1513, o seu *Auto da Sibila Cassandra*. Nele, as Sibilas e os Profetas (que não estão em número completo) reúnem-se numa grande família, que discute o tumultuado casamento da Sibila Cassandra - que aqui é a filha de Príamo, rei de Tróia, que na tradição grega também possuía o dom da profecia.<sup>3</sup> Seus tios são os profetas Moisés, Isaías e Salomão, este o persistente pretendente à mão da jovem; as tias são as Sibilas Eritréia, Pérsica e Ciméria. Todos eles apóiam o casamento e fazem de tudo para convencer Cassandra, que reluta ao saber que o Salvador nasceu de uma virgem (2).

3. Na tradição sibilística, Cassandra é um dos nomes da Sibila Frígia.

4. A primeira edição é de 1696. Aqui me reporto a uma edição de 1700. *Eva e Ave* era um livro muito comum nas bibliotecas mineiras do século XVIII.

No caso da literatura, tem-se o exemplo do Livro *Eva e Ave ou Maria Triunfante*,<sup>4</sup> de Antônio de Souza Macedo (1606-1682), cujo capítulo IX está dedicado ao tema das Sibilas, intitulando-se: *Das Sibyllas e o que vaticinaram de Cristo Senhor Nosso e de sua Mãe*

*Santissima*. Nele, o seu autor, valendo-se da tradição - como se verá mais adiante -, nomeia as Sibilas, colocando em suas bocas profecias referentes ao nascimento e morte de Jesus. As Sibilas ali citadas são:

1ª - *Pérsica*, a mais antiga, também chamada *Caldeia* ou *Babilônica*; 2ª - *Libica*, mencionada por Eurípides; 3ª - *Samia*, que também é chamada Pitha; 4ª - *Eritréia*, de Eritha, chamada de Herophile; 5ª - *Délfica*, chamada por Authemis ou Themis (como está denominada uma das Sibilas de Diamantina), nascida em Delfos, filha de Tiresias; 6ª *Figia*, de Ancira; 7ª *Cumana*, natural de Cumis, chamada de Amaltheia, tendo morrido na Sicília. Virgílio lhe chamou Deifobe; 8ª *Helespontica*, nascida em Marpesso, perto de Gergitio; 9ª *Cumea*, natural da Babilônia, filha do historiador Beroso, vaticinou na cidade italiana de Cumas; 10ª *Tiburtina*, se chamou Albunea, vaticinava na cidade italiana de Tiburto (Tibur, hoje Tivoli), imperando Augusto César, em cujo tempo nasceu Cristo, ao qual mostrou a visão gloriosa; 11ª *Agripa*; 12ª *Cimea*, *Cimica* ou *Itálica*.

No que se refere a Souza Macedo, é interessante ainda assinalar que se trata de um homem do século XVII português, época barroca por excelência, em que, como bem coloca Eduardo D'Oliveira França, a península ibérica experimentaria uma avassaladora onda de *profetismo*, devido à dupla influência muçulmana e israelita - neste caso, lembrando o forte conteúdo judaico dos *oracula sibyllina*. Crenças proféticas que, por final, como aponta o mesmo autor, entraram como um dos elementos ideológicos da restauração portuguesa de 1640 e continuaram agindo por algumas décadas daquele século. (12)

Importante também ressaltar a força que as Sibilas ganharam no país vizinho, a Espanha, que manteve Portugal subjugado político-culturalmente por mais de meio século. Obras de cunho sibilístico circulavam a bem mais tempo naquele país, como os *Oráculos de las doce Sibilas, Profetisas de Christo nuestro Señor entre los gentiles* (Cuencia, 1621), do sacerdote Baltasar Porreño. Tipos de gravados que, sem dúvida, explicam a presença muito maior de representações das Sibilas na arte espanhola, tanto na Espanha como em suas colônias americanas, como México e Peru (3) e (10).

Todavia, para melhor se dimensionar a importância dessa representação em Diamantina, é preciso acompanhar como se deu

5. Os oráculos sibilinos são considerados apócrifos do Antigo e Novo Testamentos, na categoria de escritos apocalípticos.

6. Até 1817, conheciam-se apenas oito livros. Alguns autores consideram 14 livros, uma vez que o 8º foi transmitido em três partes.

Foto: Célio Macedo Alves



Sibila Ciméria. Pano pintado.  
Igreja das Mercês  
Caetano Luiz de Miranda  
1799 - 1800

a formação dessa temática ao longo dos séculos, principalmente no que tange ao seu paulatino processo de cristianização.

Os oráculos das Sibilas pertencem a uma forma particular de literatura apocalíptica,<sup>5</sup> cuja origem remonta ao século VII aC. A Sibila era primitivamente uma profetisa mítica, de idade sobre-humana, de origem oriental, cujos oráculos corriam a Grécia a partir do século V aC. Posteriormente fala-se em diversas Sibilas em vários lugares (4). Varrão (116-27 aC.) estabeleceu em 10 o número de Sibilas existentes, assim relacionadas em ordem de antiguidade: Pérsica, Líbica, Délfica, Ciméria, Eritréia, Sámia, Cuma, Helespontica, Frígia e Tiburtina (5).

Ao contrário dos apocalipses, que visavam fortalecer os fiéis, os oráculos sibilinos preocupavam-se com a propaganda e defesa contra os de fora. Aspecto que facilitou a conversão desses oráculos, em meio judaico-cristão, em escritos de propaganda política e anti-romana. Durante a Diáspora judaica (século III aC.), os judeus helenizados, especialmente da comunidade de Alexandria (Egito), receberam esses oráculos, refundindo-os, aumentando-os e transformando-os em propaganda religiosa com conteúdos novos. Os ditos sibilinos, com as suas lamentações sobre cidades e povos e anúncios do fim do mundo - onde guardam afinidades com os vaticínios ameaçadores dos profetas veterotestamentários -, serviram de testemunho a favor do monoteísmo religioso, anunciavam muitas vezes o juízo universal com seus horrores e castigos e convocavam todos à conversão (4).

Na segunda metade do século II dC., os cristãos adotaram esses oráculos sibilinos, adaptados pelos judeus, que na forma, nas temáticas e na intenção pareciam muito adequados para a luta e para a auto-afirmação, especialmente contra Roma, hostil à religião cristã (4).

A coletânea que hoje é conhecida como *Oracula Sibyllina*, em 12 livros,<sup>6</sup> apresenta uma mistura das três formas (gentílico, judaico e cristão), surgida no período entre 140 aC. e o século III dC. Alguns livros são de origem autenticamente judaica, como os primeiros e os últimos; alguns são de inspiração judaica com interpolação cristã. Já outros são exclusivamente de origem cristã, como o livro 8, composto de 500 versículos, o mais importante, o mais utilizado e citado na Antiguidade cristã. Começa com 216 versículos de lamentação contra Roma e em seguida desenvolve uma escatologia cristã, onde

no começo (versículos 217-50) aparece o famoso acróstico **É×ÈÕÓ** (peixe), já citado pelo imperador Constantino e por Agostinho: **Ἰησοῦς Χριστὸς Θεοῦ Υἱὸς ὁ ἀληθινὸς ὁ ἀθάνατος** - Jesus Cristo Filho de Deus Salvador (Inscrição que aparece no livro seguro por uma das Sibilas pintada em Diamantina) (4).

Muitos escritores cristãos recorreram aos oráculos das sibilas, tanto de origem gentílica, quanto judaica e cristã, como os Padres da Igreja, que, desde o século. II, vêm citando-os repetidas vezes em suas obras: São Justino, Atenágoras, Taciano, Clemente de Alexandria, Comodiano, Lactâncio, Eusébio e Santo Agostinho, que já conhecia uma tradução latina do livro 8 (6).

Destes, o que maior uso fez desses oráculos foi Lactâncio (morto em 325 dC.?), em sua obra *Instituições Divinas* (uma espécie de doutrina básica da religião cristã), onde reproduz o mesmo número de Sibilas estabelecidas por Varrão. Todavia, ele coloca na boca das Sibilas - sem indicar nomes - passagens tomadas aos *oracula sibyllina*, que predizem o nascimento, os milagres, a Paixão, a morte, a ressurreição e última vinda de Jesus Cristo. É importante ressaltar que a maioria dessas passagens é retirada do 8º livro sibilino, o qual, em sua obra, aparece citado mais de 30 vezes (7).

Já na Idade Média, Vicent de Beauvais, em seu *Speculum Mundi* (séc. XIII), será um dos primeiros autores a acolher as 10 Sibilas indicadas por Varrão. Obra que tantas inspirações trará aos escultores e pintores das catedrais góticas (5).

Os artistas, inicialmente, contenta-se-iam em representar apenas duas dessas Sibilas conhecidas: a Eritrêia e a Tiburtina. A primeira foi representada sobretudo na arte francesa; já a outra foi tema corrente na arte italiana, principalmente devido à lenda a ela atribuída, na qual concedia ao Imperador Otaviano a visão da Virgem com o menino ao colo, cuja representação (e encenação) vinha em curso desde fins do século XII (5).

Em 1465, o livro *Instituições Divinas*, de Lactâncio, é impresso na Itália, tendo ainda no mesmo século seis edições. Esse fato indica a popularidade e o uso que dele se fez na arte e na simbologia, notadamente em círculos humanistas (5).



*Sibila Helespôntica. Pano pintado. Igreja de São Francisco de Assis Anônima.*

IGREJA	SIBILA	ICONOGRAFIA	ÉPOCA
Atual Sé Catedral de Santo Antônio (pintura sobre tecido – 5,0 x 4,0 m)	Eritreia	Mulher jovem vestida com túnica, dalmática e manto; calça botas de cano alto; com diadema na cabeça. Segura livro, onde se lê: <i>Jesus Christus Filius Dei Salvator</i> .	Final do século XVIII.
Ordem 3ª de Nossa Senhora do Carmo (pintura sobre tecido – 5,0 x 4,0 m)	Líbia	Mulher jovem vestida com túnica, dalmática e manto; sobre a cabeça um chapéu cônico, com abas em bico, envolvido por véu; traz na mão uma palma.	Final do século XVIII.
Nossa Senhora do Amparo (pintura sobre tecido – 5,0 x 4,0 m)	Tiburtina	Mulher jovem vestida com túnica, dalmática e manto; calçada com sandálias de tiras; na cabeça um diadema; traz um livro aberto e um bastão terminado em esponja.	Início do século XIX
Igreja de São Francisco de Assis (pintura sobre tecido – 5,0 x 4,0 m)	Eritreia	Mulher jovem vestida com túnica; sobre a cabeça um diadema; traz um livro aberto onde se lê: <i>Attritus est propter celera nostra</i> – Foi esmagado por causa de nossos crimes. (Aparece outra sibila pintada por baixo).	A pintura de baixo deve ser do início do séc. XIX; a atual do séc. XIX ou XX.
	Helespontica	Mulher jovem vestida com túnica e dalmática; traz um livro aberto onde se lê: <i>Vulneratus est propter iniquitates nostras</i> – Foi ferido por causa das nossas iniquidades. (aparece outra sibila pintada por baixo)	
Nossa Senhora das Mercês (pintura sobre tecido – 5,0 x 4,0 m)	Ciméria	Mulher jovem vestida com túnica e dalmática; sobre a cabeça um diadema com véu comprido; traz um livro aberto e uma vela acessa envolvida por uma espécie de cardo.	As únicas pinturas documentadas; foram realizadas entre 1799 e 1800, por Caetano Luiz de Miranda. (11)
	Européia	Mulher jovem vestida igual à anterior; traz um livro aberto e um bastão terminado em bandeirola.	
Nossa Senhora do Rosário (pintura sobre tecido – 4,0 x 3,0 m)	Themis	Mulher jovem vestida com túnica e dalmática; cabelos soltos; traz na mão um livro aberto onde se lê: <i>J S M/NMN</i> .	Avançar do séc. XIX.
	Cassandra	Mulher jovem vestida igual à anterior; traz um livro aberto onde se lê <i>JCFD</i>	
Bonfim (pintura no forro da capela-mor)	Libíca	Busto de mulher vestida com túnica, dalmática e manto; sobre a cabeça um chapéu cônico de abas pontudas; traz na mão uma palma ou cana; ao alto uma visão onde se vê uma figura humana (de Cristo da Coluna?)	Pintura realizada, provavelmente, em fins do século XVIII. A pintura central representa a cena do Descendimento da Cruz.
	Délfica	Busto de mulher vestida de túnica e manto; sobre a cabeça cônico de abas arredondadas; traz um livro aberto e uma corôa de espinhos junto ao peito; no fundo aparece um pedestal com objeto não distinguível.	
	Tiburtina	Busto de jovem mulher vestida de túnica e manto; sobre a cabeça um diadema com véu; segura um bastão terminado em esponja e uma toalha branca comprida ao peito; uma visão se abre a sua frente, onde se vê uma figura de homem levando uma jarra e uma toalha (uma alusão ao lava-mão de Pôncio Pilatos?)	
	Fígia (como aparece nomeada na inscrição)	Busto de jovem mulher vestida de túnica e manto; sobre a cabeça uma corôa de rosas vermelhas; traz um livro aberto; ao alto uma visão do Cristo do Juízo Final.	

QUADRO: As Sibilas de Diamantina

São as profecias cristianizadas esparsas pelo livro *Instituições* que os artistas tomam para acompanhar as suas Sibilas esculpidas e pintadas. Como ocorre, por exemplo, na catedral de Ulm, para onde são esculpidas nove Sibilas, entre 1469-1474, cujas inscrições são retiradas, em sua maior parte, de Lactâncio (5).

Em 1481, surge também na Itália outro livro que traz novos contornos ao desenvolvimento da temática sibilina, suplantando, neste caso, a obra de Lactâncio Trata-se do volume intitulado *Dicordantiae nonnullae inter sanctum Hieronymum et Augustinum*, de autoria do dominicano Felippo Barbieri. Nele, a dissertação sobre os santos Padres Jerônimo e Agostinho vem acompanhada de pequenos tratados díspares, um deles consagrado aos profetas e às Sibilas, que são assim concordados ao anunciar a vida de Jesus Cristo (5).

Tratado que exerceria a partir de então uma influência extraordinária sobre a arte européia, principalmente no que diz respeito ao paralelismo que faz entre os 12 Profetas do Antigo Testamento e as Sibilas pagãs. Fato que justifica, por conseguinte, o aumento para 12, do número das Sibilas. Barbieri inclui duas novas profetisas, Agripa e Europa, à lista conhecida de Varrão e reproduzida por Lactâncio (5).

O importante no tratado de Barbieri, todavia, é que ele estabelece, de forma original, um modelo concreto a pintores e escultores, ao atribuir a cada Sibila uma idade, um aspecto, um costume determinado e, para algumas delas, um atributo específico. Assim, a Sibila Délfica passaria a ser retratada como uma jovem, vestida de negro, que traz à mão um chifre; a Helespôntica, como uma velha com um véu sobre a cabeça, à maneira de uma camponesa; a Europa com o brilho de uma jovem e o vestido na cor de ouro; a Tiburtina segurando um livro, a Eritéia uma espada etc. (5).

A importância do tratado, como fonte iconográfica para as Sibilas, é atestada pelo próprio Miguel Angelo, que adota o tema dessas profetisas na pintura da Capela Sistina, realizada entre os anos de 1508 e 1512, utilizando justamente a disposição proposta por Barbieri, ao relacionar uma Sibila a um Profeta.

Outro aspecto a ressaltar na obra do dominicano é que as

profecias que ele atribui a cada uma de suas 12 Sibilas são completamente novas, diferindo fortemente daquelas sugeridas por Lactânncio. O que faz supor o uso de uma outra fonte que não os *oracula sybillina*, cuja primeira edição se deu somente em 1545 - portanto mais de meio século depois da 1ª edição do livro de Barbieri (5). É desse livro que Antônio de Souza Macedo retira os nomes e as profecias das Sibilas relacionadas em seu *Ave e Eva*, apenas trocando a Sibila *Européia* pela *Cumeia*.

No que se relaciona aos atributos e às profecias das Sibilas, é importante frisar que eles não guardam uma relação exclusiva com uma Sibila determinada. Mas, ao contrário, e dependendo da época, do local e da interpretação do texto sibilístico, são mutuamente intercambiáveis. Assim, é preferível falar em um grupo de atributos e profecias, que podem se relacionar a mais de uma Sibila:

*Sibila Pérsica* - representada com uma lanterna e pisoteando uma serpente; é relacionada à aparição da Virgem com o Menino (8) e (9); em alguns gravados traz uma cruz (10).

*Sibila Eritréia* - representada de pé sobre um globo terrestre, com anel e rosa; uma espada e um cordeiro; relaciona-se ao anúncio do nascimento de Cristo; ainda pode trazer à mão um objeto oval, um pão ou uma gamela, e um bebê enfaixado (8) e (9).

*Sibila Délfica* - tem uma coroa de espinhos ou um chifre de beber, aludindo ao matar a sede do Menino Jesus (8 e 9).

*Sibila Líbica* - traz uma vela acesa, anunciando Cristo, a luz do mundo; uma coroa de rosas ou de louro e uma corrente quebrada alusiva ao final da lei judaica, doravante substituída por Jesus (8 e 9).

*Sibila Sâmia* - pisa com os pés uma espada; carrega um berço, rosas e espinhos; e também um bastão de cana (8 e 9).

*Sibila Agripa* - carrega um chicote ou uma vela acesa; ela previu a flagelação de Cristo (8 e 9).

*Sibila Tiburtina* - está relacionada à visão da Virgem com o Menino; pode levar um bastão de cana (alusão à zombaria de Cristo) (8 e 9); também uma palma (10).

*Sibila Helespôntica* - tem a cruz ou um ramo florido simbolizando o Cristo crucificado (8 e 9); espigas de trigo (10).

*Sibila Frígia* - carrega uma bandeirola da vitória, alusiva à ressurreição de Cristo; uma lanterna e um estilete ou espada (8 e 9) e (10).

*Sibila Cuméia* - traz um livro, alusivo aos Livros Sibilinos, que é uma coleção romana de oráculos (8).

*Sibila Européia* - porta uma espada, uma referência à matança dos inocentes (8).

Podem ser ainda atributos das Sibilas, indistintamente, os instrumentos da Paixão de Cristo - as Armas *Christi* -, como os cravos, a escada, a turquês, a esponja (na pintura de Diamantina levada pela Sibila Tiburtina), etc.

### Referências Bibliográficas

1 - MACHADO, Aires Mata. *Arraial do Tijuco, cidade de Diamantina*. Rio de Janeiro: MES/Publicações do IPHAN, nº 12, 1944, p. 165.

2 - SARAIVA, António José. *Gil Vicente e o fim do Teatro Medieval*. Amadora: Livraria Bertrand, ?, p. 90-91.

3 - SEBASTIÁN, Santiago. *Contrarreforma y barroco*. Madrid, Alianza Editorial, 1989, p. 411.

4 - DROBNER, Huberts R. *Manual de Patrologia*. Petrópolis, Editora Vozes, 2003, p. 51-52.

5 - MÂLE, Émile. *L'Art Religieux de la fin du Moyen Age en France*. Paris: Librairie Armand Colin, 1931, p. 254-266.

6 - ALTANER, Berthold; STUIBER, Alfred. *Patrologia*. São Paulo: Edições Paulinas, 1988, p. 128-129.

7 - MACHO, A. Diez. *Apócrifos del Antiguo Testamento*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1982, tomo III.

8 - PASTOUREAU, Michel; DUCHEL-SUCHAUX, Gaston. *La Bíblia y los Santos*. Madrid: Alianza Editorial, 1996.

9 - HEINZ-MOHR, Gerd. *Dicionário dos símbolos. Imagens e sinais da arte cristã*. São Paulo: Paulus, 1994.

10 - LA MAZA, Francisco de. *La mitología clásica em el arte colonial de México*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1968, p. 214-219.

11 - MARTINS, Judith. *Dicionário de Artistas e Artífices dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: MEC/Publicações do IPHAN, nº 27, 1974, 2º vol.

12 - FRANÇA, Eduardo D'Oliveira. *Portugal na época da Restauração*. São Paulo: Hucitec, 1997, p. 239.